

Tornar-se Palestina



Lina Meruane

TORNAR-SE PALESTINA

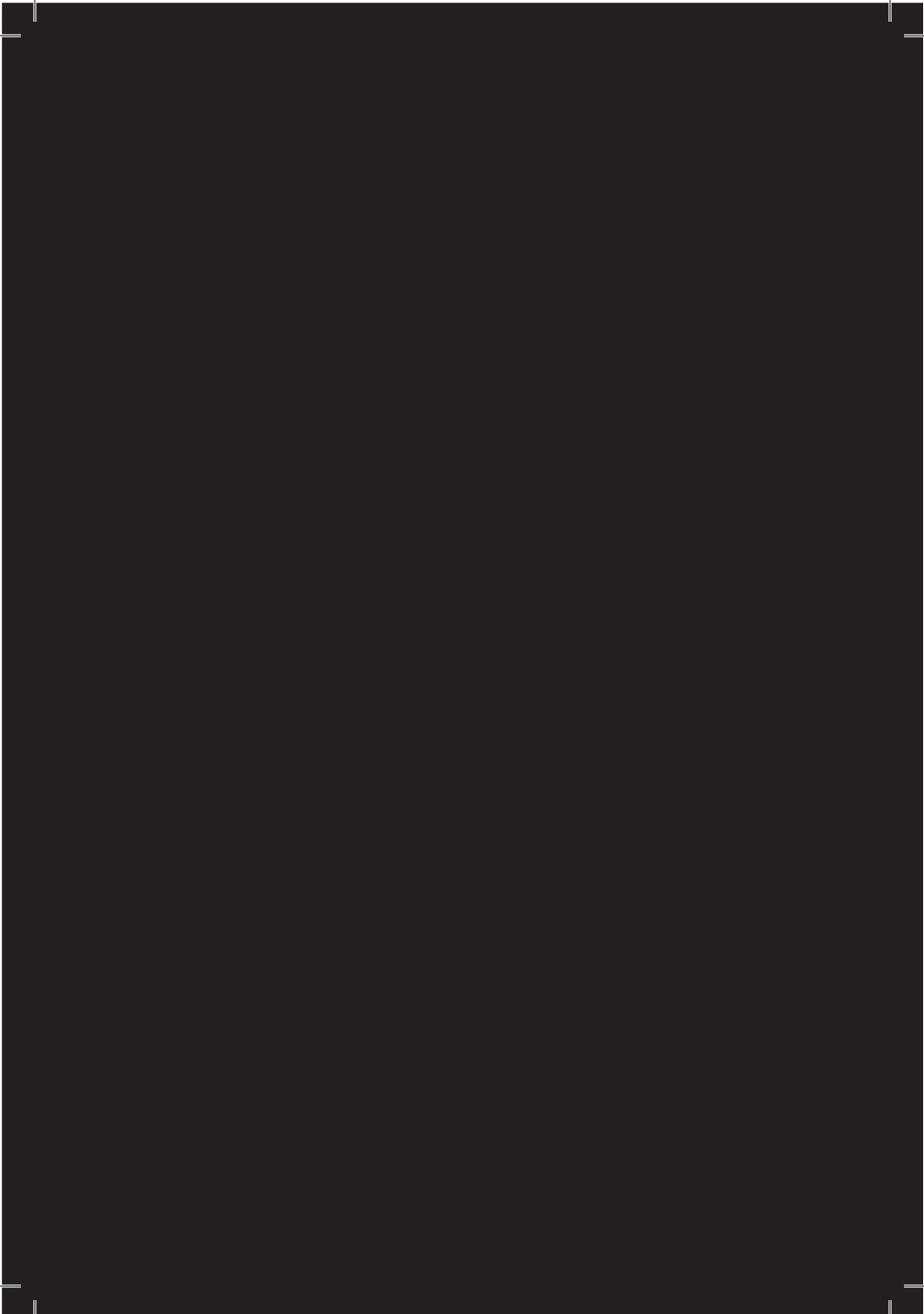
seguido de

TORNAR-NOS OUTROS

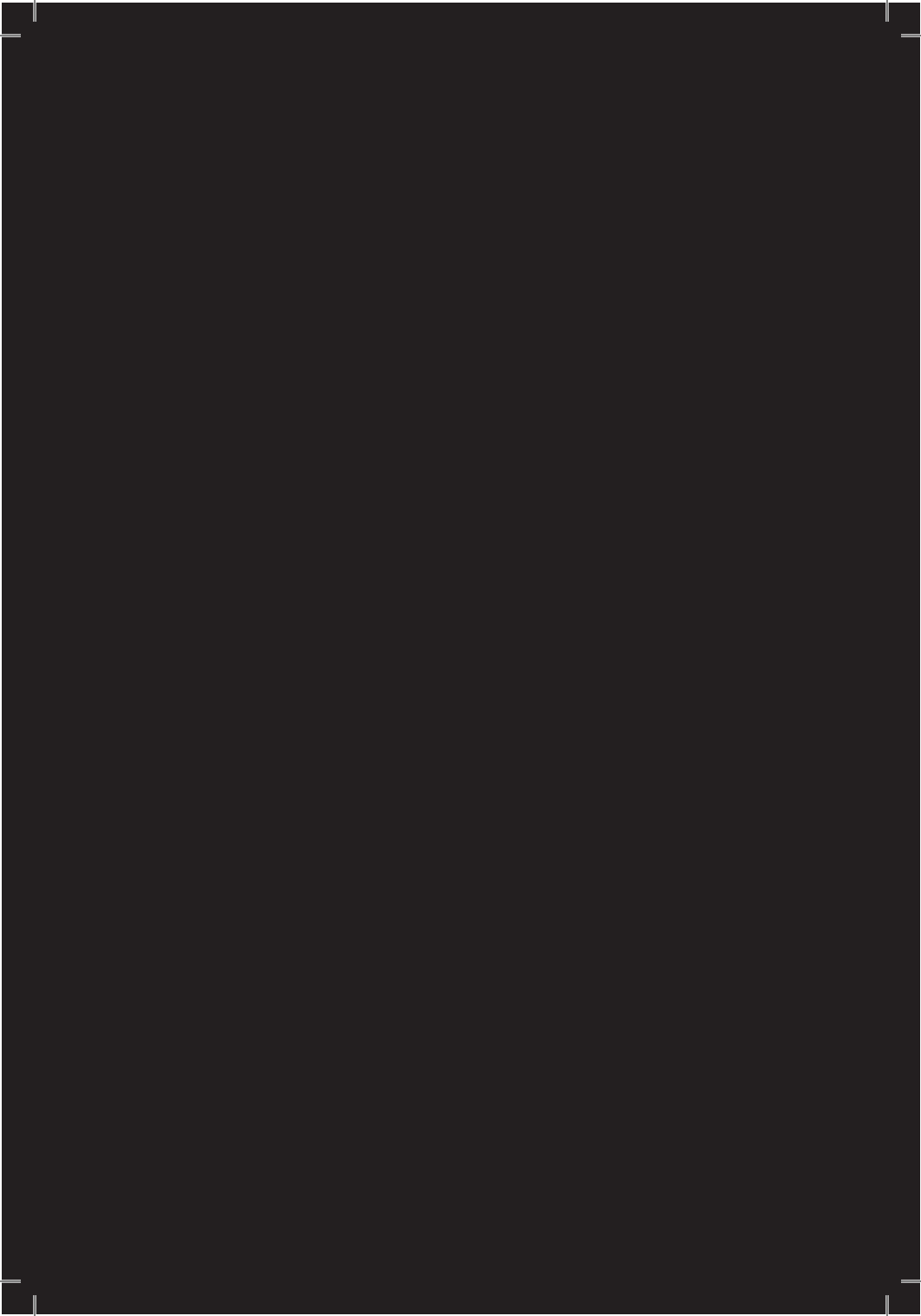
Tradução | Mariana Sanchez

coleção **NOS.OTRAS**



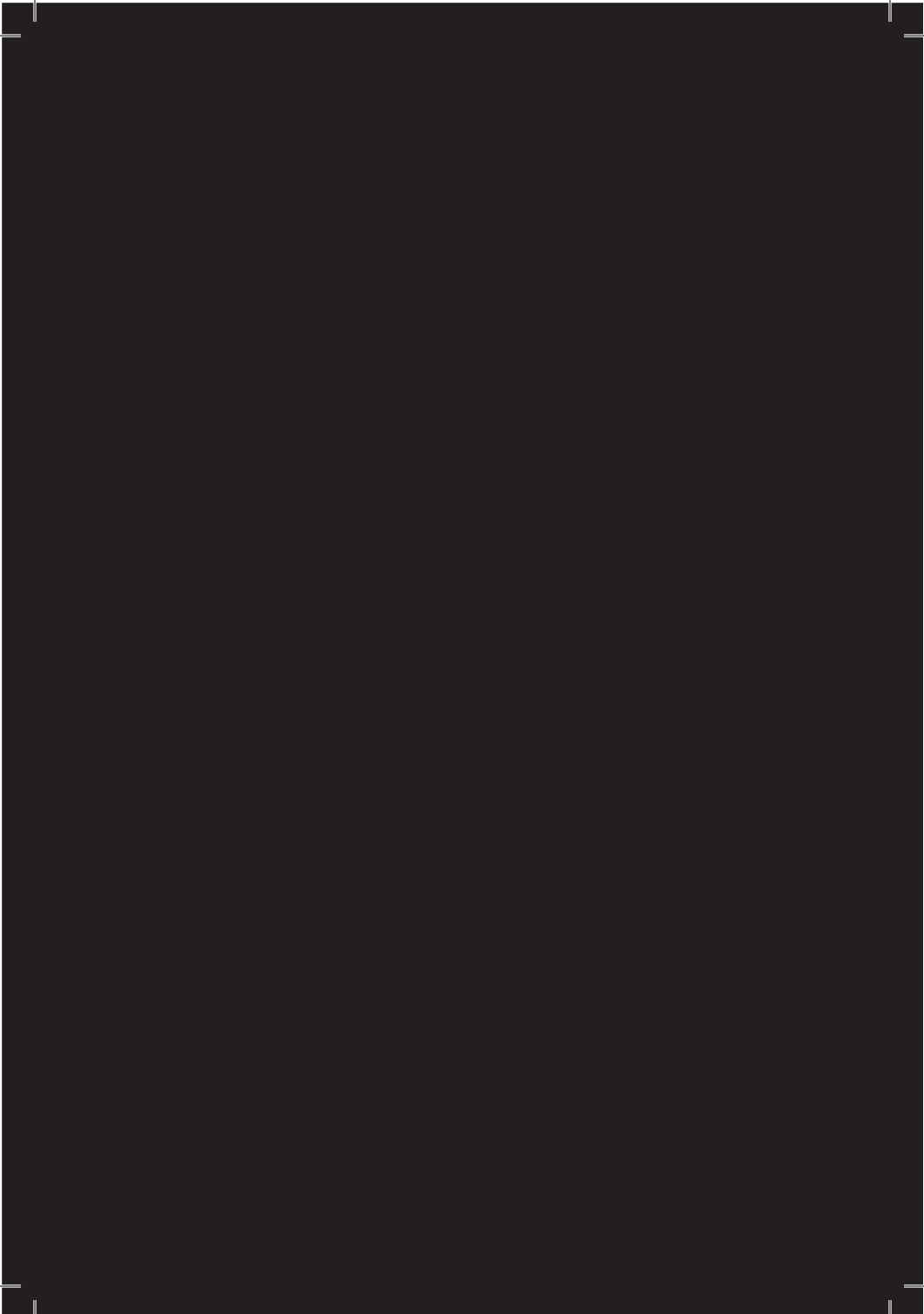


TORNAR-SE
PALESTINA



*Ao meu pai, que se nega a voltar.
Aos meus amigos A e Z, que se negam a partir.*

—

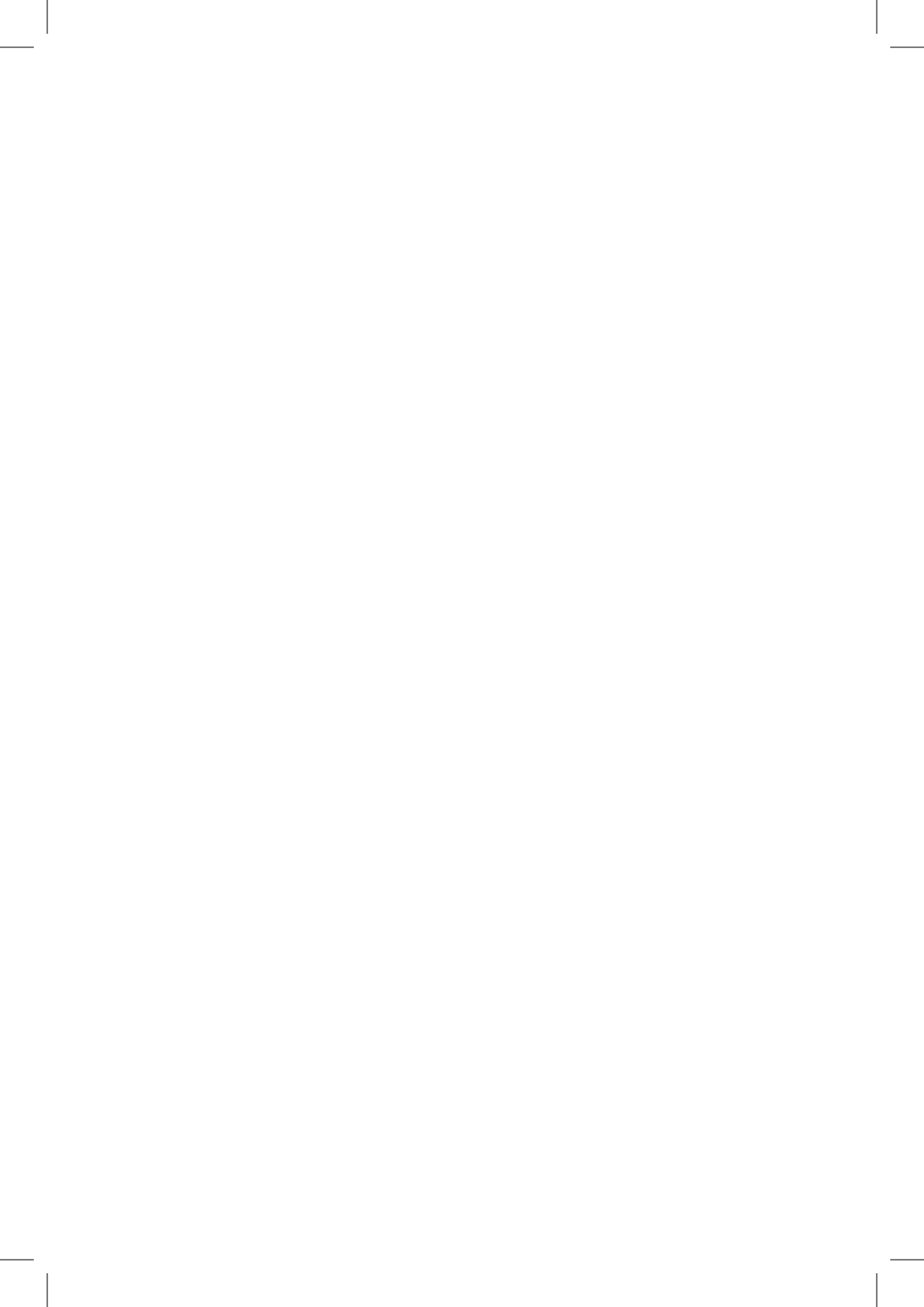


O destino dos palestinos tem sido, de algum modo, não terminar onde começaram, mas em algum lugar inesperado e remoto.

Edward Said



I. A AGONIA DAS COISAS



Retornar. Este é o verbo que me assalta toda vez que penso na possibilidade da Palestina. Digo para mim mesma: não seria um regresso, apenas uma visita a uma terra em que nunca estive, da qual não tenho uma única imagem própria. A Palestina sempre foi para mim um rumor de fundo, uma história a qual recorrer para salvar da extinção uma origem compartilhada. Não seria um retorno meu. Seria um retorno emprestado, um regressar no lugar de outro. De meu avô. De meu pai. Mas meu pai não quis pôr os pés naqueles territórios ocupados. Só se aproximou da fronteira. Uma vez, do Cairo, dirigiu os olhos já velhos na direção leste e os manteve por um tempo no ponto distante onde a Palestina poderia estar situada. O vento soprava, erguia-se uma poeira de filme e passavam ao lado dele centenas de turistas com previsíveis tênis e bermudas e mochilas, turistas estrangulados por câmeras japonesas, as mãos suando cheias de compras. Turistas rodeados de guias e de intérpretes nos quais não prestavam atenção. Meu pai enfiou a cabeça entre eles. Estendeu o olhar até aquele pedacinho de Palestina colado na divisa do Egito, aquela Palestina distante e distinta da ideia que ele tinha de Beit Jala. Aquela era a Gaza sitiada, acossada, muçulmana e alheia. Esteve, outra vez, meu pai, na divisa da Jordânia; sua vista pôde abarcar o deserto atravessando a fronteira. Teria sido uma questão de se aproximar do cruzamento, mas seus pezões permaneceram afundados na areia movediça da indecisão. Vendo uma

oportunidade na dúvida, minha mãe apontou ao longe, seu pequeno indicador esticado e teso, para o extenso vale do rio Jordão que se avistava do monte Nebo, todas as águas correntes que a religião cristã dá como bentas, e insistiu em cruzar à Cisjordânia. Temos que ir, disse a ele com urgência, como se fosse ela a palestina. Depois de tantos anos juntos, assim acabara por se sentir minha mãe, outra voz nesse clã barulhento. Mas meu pai deu meia-volta e caminhou na direção oposta. Não ia se submeter à espera arbitrária, à meticulosa revista de sua mala, ao abusivo interrogatório na fronteira israelense e nos sucessivos postos de controle. Não ia se sujeitar a ser tratado com desconfiança. A ser chamado de estrangeiro numa terra que considerava sua, porque continua ali, ainda invicta, a casa de seu pai. Ali, do outro lado, está essa herança da qual ninguém nunca tomou posse efetiva. Talvez o assuste a possibilidade de chegar a essa casa sem ter a chave, bater na porta desse lar vazio do que é seu e cheio de desconhecidos. Deve assustá-lo percorrer as ruas que poderiam ter sido, fossem as coisas de outro modo, seu parquinho. O martírio de encontrar, no horizonte outrora limpo daqueles becos, as casas geminadas dos colonos. Os assentamentos e suas câmeras de vigilância. Os militares enfiados em suas botas e fardas verdes, seus longos rifles. Os arames farpados e os escombros. Troncos de anosas oliveiras cortados rente ao chão ou transformados em cotocos. Ou talvez cruzar a fronteira significasse para ele trair seu pai, que – ele sim – tentou voltar. Voltar uma vez, em vão. A Guerra dos Seis Dias impediu-lhe

a viagem. Ficou com as passagens compradas, a mala cheia de presentes e a amargura da desastrosa derrota que significou a anexação de mais territórios palestinos. Essa guerra durou apenas uma semana, mas o conflito seguia seu curso incansável quando morreu minha avó: a única companheira possível de seu retorno. Essa perda o lançou a uma velhice repentina e irreparável. Sem volta. Como a vida de tantos palestinos que não puderam ou não quiseram mais retornar, que esqueceram até mesmo a palavra árabe do retorno; palestinos que chegaram a se sentir, como meus avós, chilenos comuns e correntes. Os corpos de ambos estão agora num mausoléu de Santiago ao qual não voltei desde o último enterro. Pergunto-me se alguém terá ido visitá-los nestes últimos trinta anos. Desconfio que não. Desconfio inclusive, mas não pergunto, que ninguém saberia me dizer em que lugar do cemitério estão seus ossos.

TRADUÇÃO DEFINITIVA

Com que nome nos despedimos deles? Com o Salvador do castelhano ou com o Isa árabe, que significa Jesus? Com o Milade ou o María? Minha mãe tem um sobressalto em sua cadeira e eu na minha ao escutar pela primeira vez esses nomes: os da língua perdida. Meu pai se agita em sua poltrona, tentando lembrar quais deles foram talhados nas lápides.